

## Corpo, tecnologia e controle: *Gattaca* e o homem-máquina \*

**Bia Cagliani\*\***

**Resumo:** A partir do século XIX o corpo passou a ser considerado uma construção social e não mais um conjunto de células e órgãos que eram responsáveis por todas as características humanas, desde a cor da pele até o grau de civilização. O social, então, passa a comandar o biológico. O corpo se torna sujeito de modelos e leis definidas de acordo com requisitos locais e temporais. Presenciamos o culto ao corpo em detrimento do culto à alma. E, de maneira cíclica, observamos, através do filme *Gattaca*, que o corpo humano retorna à sua condição de máquina, posto que se torna novamente escravo das suas vontades e volta a agir de acordo com o seu destino pré-moldado biologicamente. Através dessas duas vertentes, discutiremos neste artigo dois tipos de controle exercidos sobre o corpo: 1) o controle externo, por meio de regras sociais e das novas tecnologias que visam à manutenção da ordem; e 2) o controle interno, por meio da manipulação genética, cuja função seria a de aperfeiçoar o homem.

**Palavras-chave:** homem-máquina; controle tecnológico; corpo

---

\* Este artigo é uma versão ligeiramente modificada do trabalho de conclusão da disciplina *Tópicos Especiais em Antropologia III – Antropologia do Corpo*, ministrada pelo professor Giovanni Boaes Gonçalves no curso de Ciências Sociais da UFPB, no segundo semestre letivo de 2004. A atual versão foi apresentada como comunicação no *Seminário Tecnologia, Sociabilidade e Cultura*, promovido pelo GETS – Grupo de Estudos em Tecnologia e Sociedade, que ocorreu em maio de 2005 no Centro de Ciências de Humanas Letras e Artes da UFPB.

\*\* Concluinte do curso de Ciências Sociais da UFPB e membro do GETS – Grupo de Estudos em Tecnologia e Sociedade (DCS/UFPB). (biacagliani@yahoo.com.br)

A partir do século XIX observamos que o corpo passou a ser considerado uma construção social e não mais um aglomerado de células e órgãos cujas funções eram ditadas por uma série de funções vitais, isto é, pela biologia humana. Daquela maneira, os homens seriam semelhantes aos animais que possuem uma natureza própria imutável, posto que na modernidade passou-se a compreender o corpo como um espaço social, o qual está sujeito a divergências de cultura para cultura. O social passa a influenciar o biológico. Os odores, os sons e toda uma estética da normalidade variam em cada sociedade. Segundo Gonçalves,

... as manifestações do corpo que envergonham os modos, primeiramente da corte e depois da burguesia herdeira dos costumes da corte, são explícitas no corpo grotesco. O corpo moderno, herdeiro da civilização, é um corpo liso, moral, sem aspereza, reticente a toda transformação eventual (1998: 35).

Desta forma, aquele corpo “natural”, instrumentalizado pela alma e escravo das vontades de Deus, se transforma num corpo social, construído de acordo com os requisitos locais e atuais. Cada cultura busca uma padronização própria dos corpos e comportamentos a fim de criar parâmetros identitários; já na modernidade, a homogeneização está vinculada à lógica de mercado, onde existe uma busca incessante pela lucratividade. Com corpos de mesma potência física – a mais alta possível, é claro! – há de se produzir mais, num período menor de tempo e de forma menos desgastante. O corpo humano, desta maneira, vira mercadoria, sujeitando-se a modelos e leis. Por exemplo, o discurso que ouvimos hoje em dia sobre a saúde nada mais é que uma dessas normas impostas de modo a potencializar as capacidades humanas. Um corpo sadio, livre de vícios e doenças, é um corpo eficaz. Como vemos em Santos,

... o corpo passa a ser vivenciado, na condição de valor de uso e valor de troca, como uma mercadoria. ‘Investir’ no corpo é majorar o seu valor de

troca, é colocá-lo em melhores condições para a auferição de lucros no mercado dos bens simbólicos (1990: 53-4).

O culto ao corpo passa a ser obrigatório. Academias, salas de cirurgia e salões de beleza se transformaram em templos do corpo. Em substituição a uma época em que se cultuava a alma e se procurava aperfeiçoá-la, para que assim se encaixasse nos mandamentos divinos, chegamos a um tempo onde um corpo perfeito e resistente é almejado em detrimento do elemento inexistente que passou a ser a alma<sup>1</sup>. A pretensa individualização ditada pela modernidade é na realidade uma total mecanização e padronização tanto do exterior quanto do interior<sup>2</sup> do humano. Trata-se de uma dimensão da sociedade de consumo.

Parece evidente que o corpo tornou-se atualmente objeto de culto, de religião. O corpo está em alta. Isto atestam a variada gama de fisioculturismo, a pornografia avassaladora. Como uma verdadeira religião, a corpolatria possui seus sacerdotes, templos, adeptos e dogmas doutrinários. A heresia atual é não tornar-se um narciso auto-absorvido nos espelhos das academias (Santos, 1990: 53).

Da mesma forma que a educação serve como instrumento adestrador de corpos e de comportamentos, percebemos que o discurso da corpolatria se encontra diluído no discurso de corpo saudável propagado pela medicina e pela biologia contemporâneas. Ao nascer somos todos regidos pela natureza, é a partir da convivência com outras pessoas que adquirimos os trejeitos daquela sociedade. Podemos citar um caso de *homo ferus* para confirmar a construção social do corpo. Já ouvimos falar de diversos casos de meninos-lobo encontrados na Índia (Gaspar, Kamala, Amala e Vítor)

---

<sup>1</sup> O corpo antigamente era considerado apenas um invólucro finito para abrigar uma alma infinita. Finda a validade do casulo físico era a hora do acerto de contas da alma com o seu criador divino. Por isso, era essencial o zelo por esta parte espiritual do homem.

<sup>2</sup> Não me refiro a um interior espiritual (alma), mas sim a um interior biológico (células, órgãos e genes) dos humanos.

que, quando encontrados, se portavam de maneira semelhante a dos lobos comendo carne crua, uivando etc. Na infância, copiamos os gestos dos adultos, é comum observar características semelhantes às dos seus pais não-biológicos em adultos que foram adotados quando crianças.

Assim, moldamos nosso corpo de forma que a nossa peça no “quebra-cabeças” social se encaixe perfeitamente. Se formos diferentes não serviremos adequadamente para a rede que constitui a sociedade onde vivemos<sup>3</sup>. De modo a padronizar ainda mais profundamente, as novas tecnologias surgem com maior incisão. São novas técnicas de cirurgias plásticas, aparelhos de ginástica mais eficazes, tratamentos cosméticos mais elaborados etc. Percebemos que o avanço tecnológico vai desde maquiagens ricas em vitaminas, passando por tratamentos com *botox* e implantes de cabelo até cirurgias que modelam totalmente o corpo humano em apenas algumas horas. Estas maravilhas, no entanto, só estão disponíveis a uma classe mais abastada. Não é qualquer mortal insatisfeito que é capaz de fazer um *upgrade* na sua maquinária.

Os recentes avanços científicos nos levam a imaginar os limites dessas transformações. Por muito tempo vimos pessoas serem submetidas a experimentos científicos de toda espécie sem o consentimento prévio. Há toda uma ética que os pesquisadores deveriam seguir, como afirma Hans Lenk:

Moralidade deve ser necessariamente mais do que vem sendo até hoje, ou seja, questão de exigência funcional da reflexão e melhorias da vida humana para toda a humanidade. Essa moralidade deve ser acrescida dos deveres sociais que consistem em uma responsabilidade mais global e também admitir valores morais que ultrapassem meras obrigаторiedades. A ética não deve mais ser equivocadamente comparada com o dever moral do indivíduo. O profundo abismo entre dever e valores não atribuídos diretamente ao

---

<sup>3</sup> Pessoas fora dos padrões – gordas, magras, deficientes, marcadas, enrugadas etc. – normalmente são discriminadas nas sociedades de consumo. O motivo, ao meu ver, é puramente econômico: aqueles que não se enquadram nos moldes estabelecidos causam prejuízo.

indivíduo ou a pessoa, não exigíveis mas, moralmente, louváveis deve ser superado, sobretudo considerando-se essa crescente implicação e rede de efeitos (1990: 70-1).

Efeitos esses que têm a capacidade de fundar uma nova natureza para o homem. O homem não-modificado cultural e cientificamente não é mais natural<sup>4</sup>. Atingiremos um ponto onde todos, sem exceção, serão classificados como homens pós-orgânicos<sup>5</sup>.

Este novo homem “teria condições de superar as limitações impostas pela sua organicidade, tanto em nível espacial quanto temporal (...) ele contempla a abolição das distâncias geográficas, das doenças e da própria morte” (Sibília, 2002a: 13-4). Segundo a autora de *O homem pós-orgânico*,

Essas novas potências dos homens contemporâneos parecem estar marcando uma ruptura, que muitos começam a apontar como o *fim da humanidade* (seja celebrando-o ou condenando-o), e o início de uma nova era: a *pós-humanidade*. Pois somente agora a criatura humana passaria a dispor, de fato, das condições técnicas necessárias para se autocriar, tornando-se um *gestor de si* na administração do seu próprio capital privado e na escolha das opções disponíveis no mercado para modelar seu corpo e sua alma. Outro corte radical emerge da dissolução das velhas fronteiras entre o organismo natural – o corpo biológico – e os artifícios que a tecnociência coloca nas mãos do novo demiurgo humano para que ele conduza a pós-evolução, não apenas em nível individual como também quanto à espécie, hibridizando-se com as diversas próteses bioinformáticas que já estão à venda (Ibidem: 15-6).

Para ela, essas novas categorias têm como objetivo a construção de corpos dóceis (domesticados, adestrados, disciplinados) e úteis, pois servem aos interesses econômicos e políticos. Destarte, esses interesses são efêmeros e descartáveis, o molde vigente é “ao mesmo tempo massificante e individualizante: em um bloco único e homogêneo (a massa) são modelados os corpos e as subjetividades de cada indivíduo em particular” (Sibília, 2002b: 33).

---

<sup>4</sup> Natural, não mais no sentido que conhecemos por natureza, mas proveniente de uma segunda natureza criada pelos efeitos colaterais das transformações técnicas.

<sup>5</sup> Cf. SIBÍLIA, Paula. (2002) *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

A partir da decodificação do genoma humano, novas problemáticas surgiram: agora não só existe a probabilidade de sermos potencializados ao nos imbricarmos com aparelhos e máquinas, como podemos também potencializar os nossos genes. Uma interessante reflexão acerca desta discussão é o filme *Gattaca – experiência genética* (*Gattaca*, 1997), que mostra uma sociedade futura onde a manipulação genética em humanos é algo comum.

O título do filme – *GATTACA* – é um acróstico formado a partir das iniciais das bases nitrogenadas do DNA: Guanina, Adenina, Timina, Timina, Adenina, Citosina e Adenina. No filme é dada aos casais que desejam ter filhos a oportunidade de manipular a interação entre seus códigos genéticos de forma que produzam crianças com a melhor combinação de qualidades genéticas possível e, ainda, a possibilidade de “deletar” todas as prováveis doenças que os seus genes deixariam de herança para seus filhos. Isto causa um processo de eugenia legitimada pela ciência, posto que às pessoas geneticamente modificadas são oferecidos os melhores trabalhos e as melhores condições de vida; já aos “naturais” são lançados os piores empregos e condições marginalizadas. Cria-se, então, duas categorias distintas de pessoas: os *Válidos*, frutos deste planejamento genético; e os *Inválidos*, oriundos da nossa interação sexual usual.

Neste contexto está inserido o protagonista da história, Vincent Anton Freeman (Ethan Hawke). Primogênito de um casal, ele é um “filho do acaso”, um *Inválido* cujo sonho é se tornar piloto espacial, profissão impossível dada a sua condição genética<sup>6</sup>. Sempre competindo com o irmão mais novo<sup>7</sup>, Vincent decide sair de casa e

---

<sup>6</sup> Ao nascer, Vincent é “jurado de morte” por sua própria combinação genética: morrerá antes dos trinta anos provavelmente em decorrência de complicações cardíacas.

<sup>7</sup> Anton, o irmão mais novo de Vincent, havia sido desenvolvido por seus pais através do processo de manipulação genética e, assim, era “superior” a seu irmão em vários aspectos – mais alto, mais forte, mais capaz – o que o tornava um eterno vencedor das competições entre os irmãos.

lutar pelo seu sonho, custe o que custar. Após passar pelos mais deploráveis empregos – apesar de inteligente e esforçado, o seu código genético não se enquadrava nos moldes das “entrevistas de emprego”<sup>8</sup> as quais se submetia – Vincent Freeman descobre um modo de burlar o sistema: assumiria a identidade do *Válido* Jerome Eugene Morrow, que havia ficado paraplégico após um acidente de carro. Desta forma, o personagem principal se transforma em Jerome com o auxílio de inúmeras interferências tecnológicas, tais como: lentes de contato, cirurgia para o aumento da altura, digitais fabricadas sobre bolsas contendo sangue de Jerome Morrow minuciosamente posicionada no indicador direito, entre outros.

Todos eram constante e cuidadosamente monitorados e testados pelo sistema, inclusive o novo Jerome. As entradas dos prédios de grandes empresas eram equipadas com aparelhos que identificavam as pessoas como *Válidas* e, por isso, pertencentes àquele lugar. Ao acontecer um crime, o primeiro suspeito é o *Inválido* Vincent Anton Freeman, porém ninguém desconfia de Jerome Morrow, ele sim é perfeito, incapaz de cometer qualquer ato cruel, diferente do seu alter-ego que possui nos genes a propensão à violência.

A partir desta narrativa fílmica, podemos perceber um certo retorno ao naturalismo perdido séculos atrás. Como uma volta ao ponto inicial dos usos do corpo: 1) a biologia humana era fundante; 2) um corpo perfeito e saudável era o padrão; 3) um copo pós-orgânico se transforma no natural; e 4) a genética passa a ser fundante. Assim como afirma Rouanet, “o homem novo continua sendo um ideal, mas agora ele deve ser fabricado no laboratório, em vez de ser um produto social” (2003: 40).

---

<sup>8</sup> As entrevistas de emprego não eram mais uma série de perguntas direcionadas ao candidato de modo a testar seus conhecimentos e suas habilidades numa área específica; agora eram constituídas por apenas um exame de urina que identificava todas as capacidades genéticas. Os empregados escolhidos eram aqueles que se adequavam ao padrão genético desejado pela empresa.

O homem voltou à sua condição de máquina – escravo das suas vontades, age de acordo com o seu destino pré-moldado. Para Sérgio Paulo Rouanet nós “somos o nosso corpo, nosso corpo é matéria, e essa matéria determina nosso comportamento, levando-nos a praticar tanto o que chamamos de bem como o que chamamos de mal, sem que sejamos responsáveis por uma ou por outra coisa” (*Ibidem*: 48). Porém, vemos Vincent quebrar todas as barreiras genéticas que haviam previsto que ele não seria capaz de alcançar. O problema é que

... a lógica de uma concepção para a qual a biologia é tudo e as influências do meio são praticamente nulas bloqueia qualquer hipótese de uma ação capaz de modificar esse estado de coisas, seja pela educação, seja pela transformação social, mesmo de caráter reformista (*Ibidem*, 48).

Sabemos que o comportamento e os corpos são construídos socialmente. A questão é: o que irá acontecer quando eles forem construídos de modo a ignorar a existência de tal construção? Segundo Ferreira, “algo novo existe em conceber o mundo natural a partir de um alfabeto de bases nitrogenadas, ou seja, a partir de instruções moleculares que expressariam a totalidade da vida tal como a conhecemos ou possamos conhecer” (2003: 98).

Comparo *Gattaca* ao “homem-máquina” por um motivo simples: ambos não possuem alma. Os animais, para Descartes, eram equiparados a máquinas pelo fato de serem desalmados. O homem na modernidade, ou melhor, na contemporaneidade também se encontra neste estágio. “Nosso corpo é um conjunto de molas e engrenagens, e o que chamamos alma é um princípio também material, localizado no cérebro, que movimenta nosso organismo e nos habilita a pensar” (Rouanet, 2003: 48-9), e o homem é guiado por suas inclinações que são ditadas por esse organismo. A direção de sua vida já se encontra traçada nas suas células, não há para onde fugir. Vincent precisou se transformar em Jerome para ter

crédito. Sua inteligência não era o bastante, era necessário algo pré-destinado.

Se certas características são condicionadas biologicamente, seremos capazes de modificá-las ou de melhorá-las para fins puramente medicinais. Por exemplo, já anda em tramitação no Senado Nacional a lei que aprova o uso de células-tronco para o tratamento de males motores. O risco que corremos é de que algum conservador se ache no direito de modificar exatamente aquele gene específico da sexualidade, ou da submissão. A manipulação genética, à maneira de *Gattaca*, pode levar a uma estratificação social acentuada. Assim como víamos na época da escravidão, onde negros e índios eram considerados raças inferiores à dos europeus, e por isso eram tratados como instrumentos de trabalho, veremos num futuro próximo os geneticamente modificados, a "elite genética", subjugar os biologicamente inferiores, destinadas geneticamente a uma condição servil. Assim, a humanidade voltaria para o seu ponto de partida, dando continuidade a um ciclo de construções corpóreas. De encontro a isso, podemos lutar por

... um homem autor do seu destino, suficientemente corajoso para rejeitar qualquer apelo de um pai transcendente, suficientemente humano para não transformar a pedagogia em arte de amestrar, e suficientemente democrático para não substituir a política pela biologia (*Ibidem*: 62).

## Referências

FERREIRA, Jonatas. (2003) A produção da memória biotecnológica e suas conseqüências culturais. In: *RBCS*, vol. 18, n. 53, out.

GONÇALVES, Antônio Giovanni B. (2002) As ciências sociais e o corpo. In: \_\_\_\_\_, *A plasticidade dos usos sociais do corpo em classes populares em São Luís*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – UNESP/ARARAQUARA.

\_\_\_\_\_, (1998) O corpo e a modernidade. In: \_\_\_\_\_, *Cultura somática dos trabalhadores: comerciários em academias de ginástica*

em São Luís. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba.

LARAIA, Roque de B. (1997) A cultura interfere no plano biológico. In: \_\_\_\_\_, *Cultura: um conceito antropológico*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LE BRETON, David. (1995) Los orígenes de una representación moderna Del cuerpo: el cuerpo maquina. In: \_\_\_\_\_, *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.

LENK, Hans. (1990) Questões éticas relativas ao experimento com seres humanos. In: \_\_\_\_\_, *Razão pragmática: a filosofia entre a ciência e a práxis*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MAUSS, Marcel. (2003) As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_, *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Casac & Naify.

RODRIGUES, José Carlos. (1979) Corpo ou corpos? In: \_\_\_\_\_, *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.

ROUANET, Sérgio Paulo. (2003) O homem-máquina hoje. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTOS, Francisco José A. dos. (1990) Considerações sobre a "corpolatria". In: *Motrivivência*, jan.

SIBÍLIA, Paula. (2002a) Introdução. In: \_\_\_\_\_, *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

\_\_\_\_\_, (2002b) Capitalismo. In: \_\_\_\_\_, *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

\_\_\_\_\_, (2002c) Tecnociência. In: \_\_\_\_\_, *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

## Filmografia

GATTACA – Experiência genética (*Gattaca*). Direção: Andrew Niccol. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Roteiro: Andrew Niccol. Intérpretes: Ethan Hawke, Uma Thurman, Jude Law, Gore Vidal, Xander Berkeley, Jayne Brook, Elias Koteas, Maya Rudolph, Uma Damon, Blair Underwood, Ernest Borgnine, Alan Arkin, Tony Shalhoub. Música: Michael Nyman. EUA: Columbia Pictures / Sony Entertainment Pictures, 1997. 112 min.